



CURADORIA DOCENTE A PARTIR DA ARTE LOCAL E SUAS POTENCIALIDADES PARA GERAÇÃO DE CURRÍCULOS E MATERIAIS

TEACHING CURATORY FROM LOCAL ART AND ITS POTENTIALS FOR GENERATING CURRICULUMS AND MATERIALS

Isabella Santos Ramos¹
SEEMG/ UNIMONTES

RESUMO

Aqui se propõe o relato pessoal de pesquisa motivada pela experiência docente de uma professora do conteúdo de Artes na educação básica em busca de referenciais que divulguem e valorizem a arte local em Montes Claros - MG. São elaborações sobre uma pesquisa em andamento, abordando os processos de escolha de materiais e conceitos para as aulas de Artes e seus possíveis desdobramentos. Tudo isso a partir da revisão teórica sobre o conceito de Curadoria Docente e da proposta da Arte Educação Baseada na Comunidade (BASTOS, 2010), prática que respalda a investigação. O trabalho documenta também uma primeira cartografia docente transformada em catálogo de Arte, que foi realizada com vistas a mapear alguns dos artistas visuais locais, elaborando possíveis abordagens em (e para além) sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE

Arte-Educação Baseada na Comunidade. Curadoria Docente. Cartografia de artistas Visuais Locais. Ensino de Artes Visuais. Elaboração de Material Didático Para as Aulas de Artes.

ABSTRACT

Here we propose a personal report of the teaching experience from an Arts teacher in basic education in search of references that disseminate and value local art in Montes Claros - MG. They are elaborations about an ongoing research, addressing the processes of choosing materials and concepts for Arts' classes and their possible consequences. All of this based on the theoretical review of the concept of Teaching Curation and the Community-Based Art Education purpose (BASTOS, 2010), a practice that supports the investigation. The work also proposes and documents a first teaching cartography transformed into an Art catalogue, which was created with a view to mapping some of the local visual artists, elaborating possible approaches in (and beyond) the classroom.

¹Mestre em Estudos Literários pela Unimontes, Licenciada em Artes Visuais na mesma instituição. Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas / Escola de Belas Artes - EBA UFMG. Professora da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais e Professora Substituta na Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. E-mail: isabellasantosramos@yahoo.com.br Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2950606498028443>. Montes Claros, Brasil.



KEYWORDS

Community-Based Art Education. Teaching Curatorship. Cartography by Local Visual Artists. Teaching Visual Arts. Preparation of Teaching Material for Arts Classes.

Para início de conversa

A partir das experiências docentes em Artes na educação básica, esta pesquisa em andamento propõe pensar uma curadoria docente em artes visuais que valorize as produções locais de Montes Claros - MG, entendendo a potência do que é produzido localmente e em consonância com a proposta da Arte Educação Baseada na Comunidade, postulada por Flávia Maria Cunha Bastos (2010).

É possível observar recentemente o constante interesse acadêmico em tratar de histórias de identidade e pertencimento como catalisadores dos processos de autoestima e sociabilidade, e as artes visuais estão carregadas destas narrativas. Nesse sentido, sugerimos o exercício da curadoria docente concretizado em proposições de materiais didáticos que abordem as artes visuais produzidas localmente. Entendemos a relevância de se pensar nossos próprios processos e fazeres docentes e artísticos, além das inter-relações possíveis entre o trabalho desenvolvido e as investigações que vêm sendo aprimoradas na área e que apontam para um sentido comum.

A partir da prática docente desenvolvendo o conteúdo artes nos últimos anos na educação básica em uma escola pública de Montes Claros - MG com alunos dos três anos do ensino Médio, foi possível observar a carência de referenciais locais. Nos referimos de forma específica às manifestações das artes visuais que se baseassem em nossa região de atuação, na cultura local, nos agentes regionais, nos referenciais que constituem o imaginário e a identidade do norte de Minas Gerais. Desse modo, as artes visuais locais enquanto ferramenta didática constituem-se como nosso objeto. Questionamos: É possível pensar uma cartografia de artistas regionais e sua potencialidade para a arte educação baseada na comunidade, estabelecendo materiais e metodologias?



Vivemos um momento generalizante. A cultura massificada somada à rapidez do intercâmbio de informações e o alto acesso dos jovens a uma grande gama de conteúdo cultural que transmite informações diversas e muitas vezes sem a problematização de seus argumentos nos leva a pensar sobre a necessidade de que se elaborem materiais que apresentem e problematizem aquilo que está próximo, convidando também à revisitação (ou revisão) do que nos é familiar, e assim repensando essas identidade e espaços, nos encontrando nelas, conhecendo outras possibilidades.

Investigando sobre a curadoria educativa

Nos últimos anos as temáticas da curadoria educativa ou curadoria didática e valorização da arte local vêm sendo problematizadas academicamente no campo de estudo das Artes com vistas ao entendimento de seus limites e possibilidades, além do compartilhamento de experiências docentes em espaços de reconhecido debate, como foi possível observar realizando uma breve revisão literária sobre o tema. O termo “curadoria educativa” é assinalado inicialmente por Luis Guilherme Vergara (1996), pensando o aspecto educacional daquele que se ocupa em potencializar a experiência estética/ artística para diversos públicos em espaços culturais.

O processo de avaliação e escolha de materiais para a sala de aula, em em nosso caso especificamente para as aulas de Arte na educação básica, é conhecido como curadoria docente ou curadoria educativa. É apontado por Annelise Nani da Fonseca e Vanessa Raquel Lampert (2021) como elemento chave para o desenvolvimento de leituras mais qualificadas da realidade que circunda a sala de aula, além de oportunizar um processo de ensino mais democrático. As autoras, falando da escolha de imagens como ferramenta de resistência, ou (re)existência e de leituras de imagens como elemento fundamental das aulas de artes, apontam que uma seleção atenta às visualidades que se propõe em sala, representa enfrentamento concreto à realidades adversas às quais os professores e professoras de artes estão inseridos. Dizem:

(...)o arte/educador (re)existe de diversas formas:
- na valorização da sua profissão perante às outras ligadas às artes;
- na (re)existência relacionada ao estado que constantemente ameaça a sua atuação;



- na (re)existência vinculada a permanência da disciplina de artes na matriz curricular em diversos níveis que quando não está ameaçada conta com carga horária baixa;
- na (re)existência vinculada a precarização das leis de trabalho que comprometem a seguridade social dos professores bem como a realização do seu trabalho com qualidade;
- na (re)existência ligada aos materiais didáticos que em muitos casos não atendem a critérios pedagógicos mais a critérios econômicos, políticos e ideológicos;
- na (re)existência relacionada às limitações referentes ao ambiente de trabalho, já que muitas escolas não contam com salas equipadas nem com materiais artísticos para o desenvolvimento das atividades práticas;(…) (FONSECA e LAMPERT, 2021, p.3-4).

Logo, a curadoria docente das visualidades para as aulas de artes, observando sua apresentação, inter-relacionamento e contexto corretos, é de fundamental importância para aqueles que as leem e eventualmente produzem suas próprias visualidades. As autoras falam também da “(...) curadoria para a (des)construção de imaginários e como ferramenta de resistência.” (FONSECA e LAMPERT, 2021, p.5), entendendo a necessidade de que os materiais apresentados proponham conhecimentos e experiências plurais.

Sobre as relações entre curadoria educativa e arte contemporânea, José Vinícius de Melo Scheffer e Cristiane Soares Silva (2022) apontam que estas são demandas recentes. Ainda que falando especificamente da curadoria educativa relacionada ao espaço museal, entendem-na também como uma ferramenta potencializadora de experiências estéticas que promovem a diversidade de formas de ser e estar no mundo a partir da educação não-formal. Estes autores partem da concepção de Curadoria Educativa conforme exposto por Míriam Celeste Martins (2006), que entende aquele que realiza a curadoria educativa como um mediador de conhecimento, um provocador de experiências, que convida à fruição, e que portanto deve se tornar ciente das razões de suas escolhas e caminhos metodológicos. Associando a curadoria docente às salas de aula, ela indaga: “Nas salas de aula, assim como no espaço expositivo, os educadores são também curadores, também ativam culturalmente as obras. Estarão cientes, entretanto, de suas escolhas?” (MARTINS, 2006, p. 11-12)



Ainda na perspectiva supracitada, pensando o espaço da curadoria educativa em sala de aula e possibilidades de criação de materiais didáticos em Artes Visuais com enfoque na cena artística local, encontramos Paula Franciele Barros Bezerra e Pablo Petit Passos Sérvio (2022), que centram suas investigações numa leitura crítica da curadoria docente com vistas à criação de recursos que sejam colocados à disposição na sala de aula. Afirmam que a criação de materiais a partir da curadoria “com conceitos, conteúdos personalizados, temas cotidianos, mostraram caminhos mais interativos, compartilhados e sensíveis com e sem uso de tecnologias.” (BEZERRA e SÉRVIO, 2022, p. 8). Logo, é uma experiência que proporciona a produção de conhecimentos de maneira mais personalizada, única, e portanto direcionada às realidades de determinada localidade. Entendemos que a proposta de Bezerra e Sérvio (2022) vai ao encontro do que preconiza o Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9394/96, mais especificamente em sua alteração de julho de 2010, a Lei 12.287, que se atenta à valorização dos aspectos regionais e locais da cultura:

Art. 26 (...)

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (BRASIL, 2010)

Sublinhamos que todas as perspectivas de pesquisa acima, em maior ou menor grau, remetem-se de alguma forma em suas investigações e/ ou experimentações de fazer, à abordagem triangular, concebida por Ana Mae Barbosa (2018), uma vez que propõe no exercício do processo curatorial, bem como na exposição de tudo aquilo que foi selecionado, que se pense nos aspectos estéticos, conceituais, contextuais e na proposição de práticas afinadas aos repertórios trabalhados. Logo, estamos falando de contextualizar, apreciar e fazer.

Ainda sobre a consideração do professor como propositor de conteúdos a partir de sua curadoria, Guilherme Bruschi Frizzo e Rafael Schultz Myczkowski (2023), falam do processo de escolha do currículo no estado do Paraná como sendo anterior às ações do professor, que portanto dispensa sua participação. Deste modo transmite a impressão ilusória de liberdade, uma vez que, de acordo com os autores, o currículo proposto no estado é também uma forma de coação: “o currículo enquanto controle



do repertório e a avaliação enquanto controle do da du professor professora professore.” (FRIZZO e MYCZKOWSKI, 2023, p.5).

Na direção de pensar a potência do que é produzido localmente, observamos recentemente também o constante interesse acadêmico em tratar de histórias de identidade e pertencimento como catalisadores dos processos de autoestima e sociabilidade. Agda Carvalho, Larissa Mie Yoshikawa e Julia Onaga (2021), por exemplo, trabalham aspectos de pertencimento e sociabilidade através da memória coletiva que contém os objetos produzidos artesanalmente, além dos impactos da pandemia do COVID-19 nestes processos criativos. Em sua pesquisa, que traz o fazer de mulheres artesãs do interior do estado de São Paulo, afirmam ser a produção e reconhecimento do fazer artístico um dos fatores determinantes para o estabelecimento de laços e valorização cultural daquela localidade.

Pensando a importância da composição cultural local e no papel do arte educador enquanto curador(a) docente, Caio de Sousa Feitosa (2022) nos apresenta o conceito de Docência Casular, no qual há a proposta de uma visão holística daqueles aos quais cabe a tarefa de proposição e mediação dos currículos em sala de aula:

(...) se apresenta como dispositivo propiciador de cosmovisões integradas, uma vez que compreende as transformações inerentes aos sujeitos que mediam os processos do ensino e da aprendizagem (professores). Por se balizar através da integração entre diversos fatores, este conceito se apresenta como uma rede que só se dá em colaboração, de forma circular e orgânica. (FEITOSA, 2022, p.5)

Sendo assim, entende a necessidade de uma visão sistêmica dos conteúdos e dos sujeitos que os propõe. Um movimento que, para além de sua contextualização, aborde diferentes manifestações, inclusive - e talvez sobretudo - aquelas que se encontram mais próximas de nossas realidades, ressaltando nossas próprias epistemologias e as colocando como igualmente importantes frente às propostas de educação em artes que ainda são, em grande medida, eurocentradas.

A arte produzida no entorno dos espaços escolares, bem como suas significações, também tem sido tema de pesquisa, como nos demonstram Ana Cláudia de Oliveira Freitas e Fabiana Souto Lima Vidal (2022). Ao problematizar os desenhos feitos nos



muros dos espaços comunitários e externos de duas escolas públicas de educação básica no interior do estado da Bahia, as autoras, cientes da significação e representatividade que as imagens carregam para a construção de subjetividades do alunado que por ali transita, apontam o frequente uso de imagens com função decorativa e para exposição de temáticas referentes à inclusão e diversidade, além do endosso de comportamentos que reforçam padrões de gênero, por exemplo. Ressaltam que a alta carga de significação que carregam as imagens que reproduzimos no espaço escolar podem refletir de forma direta as concepções de mundo dos alunos. Daí a necessidade em se oportunizar leituras de imagens que potencializem e problematizem o que é produzido em nosso entorno.

Francisco Kelson Moreira de Sousa e José Maximiano Arruda Ximenes Lima (2023) seguem na corrente de pensar o ensino de artes locais, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e em seu caso associado também ao Documento Curricular Referencial do Ceará. Contudo afirmam que a proposta do Novo Ensino Médio, por seu caráter neoliberal, com a adição dos itinerários formativos (que diminuem a formação integral), acaba por uniformizar os conteúdos. Com isso há menos enfoque, e portanto desvalorização do contexto local, e por conseguinte, a identidade cultural dos alunos. Tudo em nome da liberdade fictícia da escolha do currículo. Os autores afirmam que as atuais demandas de sucesso em avaliações nacionais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) acarretam processos educacionais que enfatizam habilidades cognitivas ao medir a proficiência em disciplinas específicas, Língua Portuguesa e Matemática, o que coloca a formação identitária e estética dos alunos em segundo plano.

Ora, pensando dessa forma e comparando com a intenção da Lei 13.415/2017, o que temos é justamente o inverso, ou seja, um forte apelo e pressão no sentido da Base, ou dos conhecimentos gerais e da construção de itinerários formativos que desconsideram a formação humana em nome de uma formação técnica para o mercado, desvalorizando assim, justamente aquilo que vem da realidade de cada um. Ao invés de partir do contexto, do local, do regional, crescendo em direção aos conhecimentos gerais, o que está sendo proposto é o inverso: intensificar o foco na Base em detrimento dos conhecimentos contextualizados pela vida de cada um. (SOUSA e LIMA, 2023, p.11).



O que, em síntese, ameaça propostas que tenham em seu cerne a valorização da arte produzida localmente e da cultura regional, com vistas ao desenvolvimento integral dos/as alunos/as.

Observamos até aqui argumentações contemporâneas que apontam para a importância de uma educação em artes afinada com o contexto histórico, social e local dos propositores e mediadores do processo educacional, os/as professores/as, e que também valorize estes mesmo aspectos daqueles e daquelas que são - ou pelo menos deveriam ser - seus protagonistas, os alunos. A partir de ações que viabilizem seus próprios contextos de vida, a artes que consomem, a identidade de seu território e com isso, naturalmente, a produção de arte a partir de seus agentes locais que, como veremos, dialogam diretamente com suas realidades. Entendemos portanto, como de fundamental importância a proposição de investigações docentes-artistas que se ocupem em pensar as artes visuais produzidas localmente como uma ferramenta didática para o ensino de arte na educação básica através da curadoria docente, além de ofertas contemporâneas de criação de materiais que auxiliem nesse trabalho.

Metodologia e prática: Sobre a Arte Educação Baseada na Comunidade

Nos respaldamos nos estudos de Flávia Maria Cunha Bastos (2010), sobre a Arte Educação Baseada na Comunidade, por entender as aproximações possíveis entre sua proposta e nossa busca docente. A autora trabalha o conceito que “utiliza a arte e a cultura locais como eixos geradores do currículo” (BASTOS, 2010, p. 235). Ela trata de suas experiências pessoais durante a pesquisa de doutorado no estado de Indiana, Estados Unidos, onde o termo já é bastante utilizado:

A terminologia arte/educação baseada na comunidade (Community Based Art Education, em inglês) é bastante utilizada nos Estados Unidos, incorporando diversos referenciais prático-teóricos, inclusive aulas de arte ministrados em centros comunitários e currículos desenvolvidos completamente a partir de recursos locais. (BASTOS, 2010, p.227).

Bastos (2010) pondera que este é um processo de trabalho que necessita de adaptação a cada comunidade em que acontece, além do estabelecimento de parcerias entre a comunidade escolar, os artistas locais e os arte-educadores, para



que assim, a comunidade passe a ter uma relação mais próxima com o que é localmente produzido. Logo, sua abordagem preconiza a cultura e os recursos locais, acreditando em seu “caráter emancipatório” (BASTOS, 2010, p.228), e por compreender que docentes de comunidades com menor poder aquisitivo: “(...) demonstraram como o conhecimento e estudo da arte, da cultura e das raízes locais possibilitam a revitalização da identidade cultural dos alunos e a reflexão sobre as suas possibilidades na sociedade.” (BASTOS, 2010, p. 228).

O reconhecimento e valorização de práticas artísticas distintas, sejam elas eruditas ou populares, é portanto um dos pilares do processo educacional democrático, inclusive porque tais classificações não se mostram efetivas para a análise das produções contemporâneas muitas vezes, logo, a Arte Educação Baseada na Comunidade:

(...) contribui com uma concepção de arte que combina várias categorias do fazer artístico, inclusive, por exemplo, tradições regionais, artesanato local, arte tradicionalmente produzida por mulheres, arte popular, média, etc. Todas essas artes são valorizadas igualmente enquanto parte integral da cultura da comunidade. (BASTOS, 2010, p.229)

A autora aponta ainda que este seria um direcionamento possível para se alcançar o processo de conscientização que leva à mudanças sociais, como postulado por Paulo Freire, uma de suas maiores inspirações:

De acordo com Freire, a educação é um processo político que ou reforça as injustiças sociais, pelo controle da consciência, ou promove mudanças pelo processo de reflexão crítica chamado “conscientização”. Para Freire o objetivo fundamental da prática educativa é promover a consciência crítica, marco referencial da mudança. (BASTOS, 2010, p.230).

Logo, é imprescindível que se pense sobre o contexto em que o aprendizado está inserido, considerando os referenciais que remetem ao familiar, e qual a potência que eles carregam quando os olhamos de novo, quais as reflexões são possíveis com o estudo crítico da arte produzida localmente. Para Bastos (2010), quando se dá a interpretar a arte de determinada localidade a partir de seu contexto de produção, não é apenas a produção que se compreende, mas também os sistemas e valores ali refletidos, o que pode ser um exercício transformador em comunidades que estão fora



dos eixos tradicionais dos espaços entendidos como ricos culturalmente, e por isso geralmente utilizados como modelos e referenciais. Para tanto, Bastos (2010) apresenta ainda o conceito de “perturbamento do familiar”, em que indivíduos de uma mesma localidade são convidados a repensar seu próprio território e referenciais, evidenciando as relações de poder presentes em sua comunidade, para que assim se repensem aspectos sociais, históricos, e a multiplicidade de autorias, além de apontar outros caminhos possíveis.

Apesar da notável distância geográfica, a autora afirma que as realidades observadas em sua pesquisa são similares ao que experimentam as comunidades rurais do sul do Brasil, pois em ambos os casos é possível que a partir de uma leitura crítica das produções locais, se pense nos valores e contradições de cada território, compreendendo seu entorno em amplo aspecto, economicamente, historicamente, socialmente...

Bastos (2012) segue pensando aproximações e também a quebra de hierarquia entre a arte do cânone e a arte produzida pela comunidade afirmando a necessidade de que se ampliem as definições do que se entende por arte, aproximando-a da experiência cotidiana, compreendendo-a como espaço de reflexão e de múltiplas funções. Bastos (2012, p. 75) afirma: “Questionando os fundamentos de visões tradicionais, proponho valorizar as interpretações daqueles que experienciam arte. Não se trata de desbancar a arte consagrada, mas de repensá-la.”

Cientes do que nos propõe Bastos (2010, 2012) ao buscar promover um maior engajamento com a comunidade a partir de suas produções culturais e artísticas, entendemos suas elaborações teóricas como ferramentas interessantes para se fundamentar o exercício e análise da curadoria docente quando esta se ocupa de pensar as produções artísticas locais, em nosso caso, as visualidades produzidas pelos artistas locais. Partimos desse pressuposto para o exercício da cartografia.

A ideia da produção de um catálogo de Arte que trouxesse em seu bojo exclusivamente jovens artistas locais de Montes Claros - MG e região surgiu como uma possibilidade de cartografia, e por notarmos que os debates realizados em sala sobre a Arte produzida localmente (apesar de habitar uma região



reconhecidamente rica nesse aspecto) pouco ou nada contribuíam para a construção de referenciais coletivos à partir das experiências discentes. Não era comum que os alunos se apropriassem das visualidades que partiam de seu próprio território, e muitos afirmavam não haver manifestações artísticas das visualidades, o que consideramos no mínimo estranho. Ressaltamos que, sempre que a temática vinha à tona, era recorrente que as turmas pontuassem exemplos a partir da produção musical local, o que nos intrigava pois, inserida também nas Artes Visuais através de minha prática docente-artista, era sabido que muitos artistas jovens existiam e produziam aqui.

Identificada a demanda, a partir da proposição de projeto em chamamento público do município, partimos para a elaboração de um primeiro material, que viria a se tornar o catálogo “Jovens Artistas de MOC”. Decidimos realizar uma convocatória de jovens artistas visuais que estivessem interessados na divulgação de seu trabalho através de uma publicação que fosse física e digital. Entendemos hoje que o conceito de jovem artista pode ser subjetivo pois, pode se referir àqueles que já produzem artisticamente, apesar da tenra idade, mas também àqueles que, em qualquer idade, venham se desenvolvendo nas artes há menos tempo. Contudo, ficou definido que, além de produzir periodicamente na linguagem das Artes Visuais e residir no norte de Minas, os artistas inscritos teriam entre 18 a 35 anos para que se lançasse mais um viés de identidade e aproximação com nosso público-alvo.

Após a convocatória, envio de trabalhos, curadoria pedagógica e edição do catálogo, a versão digital do material foi amplamente divulgada na mídia local, sendo um material gratuito e de fácil acesso, que contava com 37 páginas e registro de trabalhos de 16 jovens artistas locais. Nesse período, um perfil na plataforma *Instagram* foi criada para divulgação também. Pela natureza de registro e divulgação entendemos a importância de que algumas cópias impressas fossem doadas a espaços de interesse, como a biblioteca pública.

Como o material em mãos, finalmente partimos para a exploração das visualidades em sala de aula (imagem 1), felizmente com boa recepção e até mesmo surpresa ao perceberem a variedade de temas e estilos que são abordados pelos jovens artistas



de Montes Claros. Apesar do material estar disponível para download, percebemos que a versão impressa recebeu muito mais atenção, talvez pela experiência tátil que a materialidade proporciona.



Imagem 1. Em sala, alunos observam o catálogo impresso, 2024. Digital, 9cm X 9cm. Acervo pessoal.

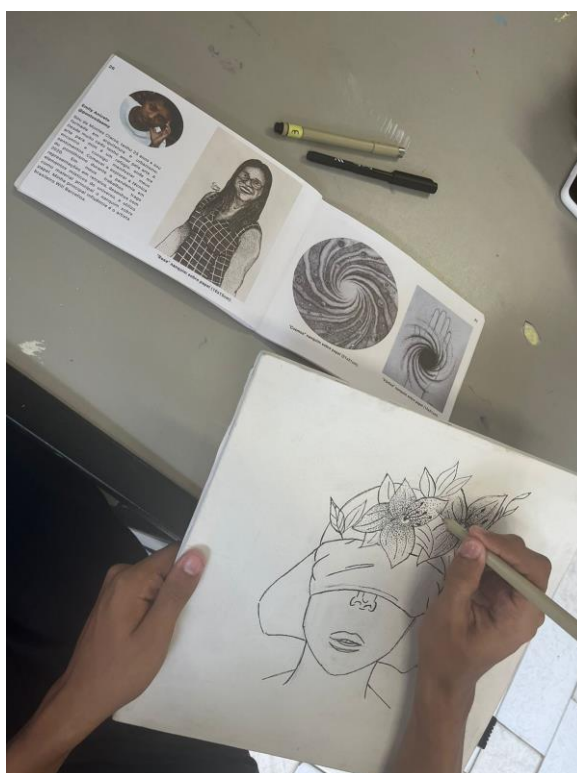
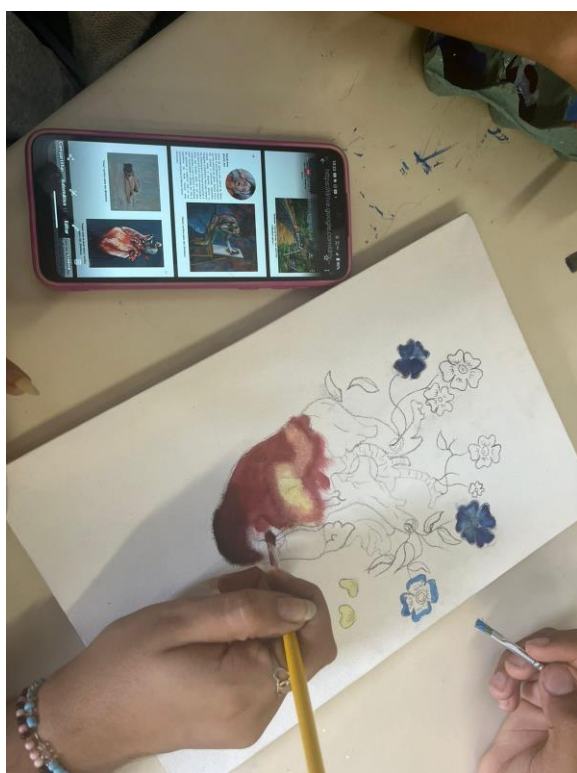




Imagem 2. Alunas realizam trabalho de pintura e mostram uma de suas inspirações na versão digital do catálogo, 2024. Digital, 7,6cm X 10,15cm. Acervo pessoal.

Imagem 3. Aluno realiza trabalho com a técnica de pontilhismo e mostra sua referência na versão impressa do catálogo. 2024. Digital, 9cm X 9cm. Acervo pessoal.

Ao longo das aulas, após a apreciação atenta dos trabalhos e da breve descrição sobre cada artista, passamos para exercícios de leitura de imagem mais aprofundados, onde se buscavam referenciais e similaridades nos trabalhos apreciados. Divididos em grupos, os alunos deveriam também prosseguir com a produção de suas próprias visualidades (imagens 2 e 3), podendo usar o catálogo como material de pesquisa ou inspiração, atividade que engajou a maioria dos discentes em produções coletivas e individuais. Talvez tenhamos uma nova edição do catálogo...

Em curso

O trabalho segue em desenvolvimento, e provavelmente irá se transformando em outras possibilidades, outros desdobramentos. Percebemos que o catálogo foi um primeiro exercício docente-cartográfico capaz que apresentar aos alunos outras realidades, estas mais próximas de suas próprias vivências.

Se apropriar das narrativas construídas a partir dos repertórios produzidos localmente respalda - em sala - a produção de suas próprias visualidades. Entendemos que o professor-artista, agindo também como curador, é capaz de ativar culturalmente outros pontos de vista. A proposição de outros conhecimentos e experiências plurais, interativas e compartilhadas, respaldada em produções relevantes de artistas locais carregam a potência de fazer repensar o cotidiano, ativar sensibilidade, auto estima, pertencimento...

Referências

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O Perturbamento do Familiar: Uma proposta Teórica para a Arte Educação Baseada na Comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). **Arte/ Educação contemporânea: Consonâncias Internacionais**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.227-244

BASTOS, F. M. C.; BARRETO, U. M. D. Diálogos entre o Ensino de Artes Visuais no Brasil e em outros contextos. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 5, n. 3, 2018. DOI: 10.22456/2357-



9854.89341. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/89341>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. Cortez Editora, 2018.

CUNHA BASTOS, F. M. Celebrando autorias: arte, comunidade e cotidiano em arte-educação. **Visualidades**, Goiânia, v. 3, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/vis.v3i1.17932. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17932>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BEZERRA, Paula Francinete Barros; SÉRVIO, Pablo Petit Passos. EXPERIÊNCIAS EM CURADORIA EDUCATIVA, PESQUISA E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO EM ARTES VISUAIS PELO PIBID-UFMA.. In: **Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais...Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513443-EXPERIENCIAS-EM-CURADORIA-EDUCATIVA-PESQUISA-E-PRODUCAO-DE-MATERIAL-DIDATICO-EM-ARTES-VISUAIS-PELO-PIBID-UFMA>. Acesso em: 24/03/2024

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Agda; YOSHIKAWA, Larissa Mie; ONAGA, Julia. (RE)EXISTÊNCIA E EMPODERAMENTO: MULHERES ARTESÃS E OBJETOS DE CONECTIVIDADE.. In: **(Re)existências: Anais do 30º encontro nacional da ANPAP**. Anais...João Pessoa(PB) ANPAP, 2021. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/384316-\(RE\)EXISTENCIA-E-EMPODERAMENTO-----MULHERES-ARTESAS-E-OBJETOS-DE-CONECTIVIDADE](https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/384316-(RE)EXISTENCIA-E-EMPODERAMENTO-----MULHERES-ARTESAS-E-OBJETOS-DE-CONECTIVIDADE). Acesso em: 24/03/2024

FEITOSA, Caio de Sousa. DOCÊNCIA CASULAR E OUTRAS TÁTICAS DA EDUCADORA DO COTIDIANO.. In: **Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais...Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513504-DOCENCIA-CASULAR-E-OUTRAS-TATICAS-DA-EDUCADORA-DO-COTIDIANO>. Acesso em: 24/03/2024

FONSECA, Annelise Nani da; LAMBERT, Vanessa Raquel. O PAPEL DA CURADORIA NA LEITURA IMAGEM COMO FERRAMENTA DE (RE)EXISTÊNCIA PARA A ARTE/EDUCAÇÃO.. In: **(Re)existências: Anais do 30º encontro nacional da ANPAP**. Anais...João Pessoa(PB) ANPAP, 2021. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/383588-O-PAPEL-DA-CURADORIA-NAL-LEITURA-IMAGEM-COMO-FERRAMENTA-DE-\(RE\)EXISTENCIA-PARA-A-ARTEEDUCACAO](https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/383588-O-PAPEL-DA-CURADORIA-NAL-LEITURA-IMAGEM-COMO-FERRAMENTA-DE-(RE)EXISTENCIA-PARA-A-ARTEEDUCACAO). Acesso em: 24/03/2024

FREITAS, Ana Cláudia de Oliveira; VIDAL, Fabiana Souto Lima. ENTRE OLHARES... AS IMAGENS QUE HABITAM NOSSAS ESCOLAS!.. In: **Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais...Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/497593-ENTRE-OLHARES-AS-IMAGENS-QUE-HABITAM-NOSSAS-ESCOLAS>. Acesso em: 24/03/2024

FRIZZO, Guilherme Bruschi; MYCZKOWSKI, Rafael Schultz. CARTOGRAFIA POÉTICA NO AMBIENTE ESCOLAR: ENSINO DE ARTE NA ZONA INDISCERNÍVEL.. In: **Formas de Vida - Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais...Fortaleza(CE) IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/665399-CARTOGRAFIA-POETICA-NO-AMBIENTE-ESCOLAR--ENSINO-DE-ARTE-NA-ZONA-INDISCERNIVEL>. Acesso em: 25/03/2024



MARTINS, Mirian Celeste. Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação**—Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27

SCHEFFER, José Vinícius de Melo; SILVA, Cristiane Soares e. CURADORIA EDUCATIVA: EXPOSIÇÃO NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA DO CEARÁ... In: **Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais...Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513273-CURADORIA-EDUCATIVA--EXPOSICAO-NO-MUSEU-DE-ARTE-CONTEMPORANEA-DO-CEARA>. Acesso em: 24/03/2024

SOUSA, Francisco Kelson Moreira de; LIMA, José Maximiano Arruda Ximenes de. BNCC E DCRC PARA O ENSINO MÉDIO - RELAÇÕES E INTEGRAÇÕES COM CONTEÚDOS DE ARTE LOCAL E REGIONAL DO CEARÁ.. In: **Formas de Vida - Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais...Fortaleza(CE) IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/668150-BNCC-E-DCRC-PARA-O-ENSINO-MEDIO---RELACOES-E-INTEGRACOES-COM-CONTEUDOS-DE-ARTE-LOCAL-E-REGIONAL-DO-CEARA>. Acesso em: 25/03/2024.